

Depois do descartar: resistência e o *ethos* barroco

After disposal: resistance and the baroque ethos

Tainá Reis¹

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar, a partir do conceito de *ethos barroco*, as estratégias de resistência dos cortadores de cana adoecidos e descartados. As condições de trabalho no corte de cana de açúcar resultam no desgaste da força física e mental dos trabalhadores, que adoecem em decorrência do trabalho, perdem a capacidade laboral e são descartados. A pesquisa qualitativa realizada no Vale do Jequitinhonha/MG mostrou que os trabalhadores carregam em seus corpos, relações e subjetividades as consequências dessa atividade. Uma nova sociabilidade tecida é atravessada pela vergonha, pela destinação à morte social, pela fratura nas relações, processos que não são vivenciados pelos sujeitos passivamente. Aponta-se a Festa de Nossa Senhora do Rosário como uma expressão de resistência.

Palavras-chave: Corte de cana. Adoecimento. Resistência. Arte. *Ethos* Barroco.

Abstract: The purpose of this article is to present, based on the concept of baroque ethos, the resistance strategies of ill and discarded sugar cane cutters. The working conditions in the sugar cane harvest have a detrimental impact on the workers' physical and mental strength. Many fall ill as a result of work, losing their ability to work and are therefore discarded. Qualitative research carried out in Vale do Jequitinhonha/MG showed that workers carry in their bodies, relationships and subjectivity the consequences of this activity. A new woven sociability is crossed by shame, by the destination to social death, by the fracture in relationships. These processes are not experienced passively by the subjects, they resist. The religious festivity Festa de Nossa Senhora do Rosário is pointed out as an expression of resistance.

Keywords: Sugar cane harvest. Illness. Resistance. Art. Baroque *Ethos*.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Professora Substituta Departamento de Sociologia, Universidade Federal da Bahia - UFBA. São Carlos, São Paulo, Brasil. ORCID: [0000-0003-4901-0448](https://orcid.org/0000-0003-4901-0448), e-mail: tainareisz@gmail.com.



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

Introdução

O Brasil, na safra 2020/21, foi o maior produtor e exportador de açúcar do mundo, e também o principal fornecedor mundial do etanol de cana. A produção de cana brasileira tem ocupado o primeiro lugar no *ranking* mundial da produção desse cultivo. O estado de São Paulo é o maior produtor nacional, mas os trabalhadores que ocupam os canaviais são, em maioria, migrantes do nordeste brasileiro ou da região do Vale do Jequitinhonha, no estado de Minas Gerais².

Atualmente a tendência para o setor sucroalcooleiro é a mecanização da colheita da cana de açúcar, erradicando (mas não por completo) o corte manual. Muitos trabalhadores perdem seus empregos nesse processo, mas há outra categoria de trabalhador que já foi excluída antes mesmo da predominância das máquinas. São aqueles que adoeceram nos canaviais, migrantes desempregados e inviabilizados de trabalhar, devido ao adoecimento. O corte manual de cana de açúcar ocorreu durante décadas, e em exceção ao estado de São Paulo, que caminha para a mecanização de quase a totalidade dos canaviais, outros estados (Alagoas, Bahia, Paraná, Mato Grosso etc.) ainda contam com a força de trabalho manual.

O corte manual de cana ocorre da seguinte maneira: o trabalhador abraça certa quantidade de cana com um braço e com a outra mão golpeia a cana com o podão ao rés do chão. O corte deve ser feito bastante próximo ao chão, pois é nessa região que a cana apresenta maior quantidade de sacarose. No movimento executado pelo trabalhador há total curvatura do corpo; são desferidos vários golpes de facão. A pesquisa de Laet (2010) revelou que, em média, os cortadores de cana desferem 3.498 golpes de facão, realizando 3.080 flexões de coluna, cortando 12,9 toneladas por dia.

O trabalho executado nos canaviais é cansativo e resulta em diversos danos à saúde (doenças respiratórias, cardíacas, osteoarticulares). No decorrer de um dia, “[...] o

² Os dados apresentados neste artigo resultam da tese de doutorado em Sociologia *Ceifando a cana... Tecendo a vida. Um estudo sobre o pós/trabalho nos canaviais*, defendida no PPGS/UFSCar. A pesquisa de caráter qualitativo foi realizada no Vale do Jequitinhonha, no estado de Minas Gerais. Foram realizadas entrevistas com ex-cortadores e ex-cortadoras de cana adoecidos, assim como com seus familiares e representantes dos serviços públicos de previdência e assistência social (assistentes sociais, psicólogas, médicos, advogados).



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

trabalhador permanece 62% do tempo em postura crítica, a flexão lombar, que representa risco de danos ao sistema osteoarticular” (LAAT, 2010, p. 113). Verçoza (2018), em pesquisa realizada no estado de Alagoas, expôs a sobrecarga física vivida num dia comum de trabalho nos canaviais. Dentre os trabalhadores examinados, a maioria extrapolou o valor limite de carga cardiovascular. Há uma razão proporcional entre índices de produtividade e sobrecarga física. Para manter níveis médios de produção – e em consequência, garantir a permanência no emprego – é necessário submeter o corpo ao desgaste.

Há, ainda, as dores cotidianas do trabalho (câimbras, vômitos, tonturas e machucados - cortes nas mãos e pés pelo manuseio do facão) (LAAT, 2010; PRADO, 2011; BITTENCOURT *et al*, 2012). Enquanto anda, flexiona-se e golpeia a cana, o trabalhador está vestido com roupas pesadas e quentes, o que faz com que se desgastam demasiadamente e, com isso, percam água do corpo, junto com sais minerais. Essa sudorese excessiva leva à desidratação e ocorrência frequente de câimbras (ALVES, 2006). *Canguarí* é o nome dado às câimbras que acometem o corpo inteiro do cortador, fazendo com que perca o controle do corpo, podendo vomitar, urinar e defecar. Em outras regiões do país é chamada de birôla (São Paulo) ou canguru (Alagoas).

A sensação física ao fim do dia de trabalho no corte de cana era, de regra, desgastante (REIS, 2018). Os cortadores relataram que, pensando na produção, continuavam o trabalho, mesmo com as dores e câimbras, mesmo quando no nível do *canguari*. O desgaste físico faz parte do cotidiano do cortador de cana. Expostos ao calor, fuligem, perdem sais minerais no suor, sobrecarregam coração e articulações, com má alimentação. Após dez, quinze anos de trabalho, têm seus corpos destruídos.

Os estudos sobre o corte de cana têm se debruçado sobre as consequências da atual reestruturação produtiva no setor sucroalcooleiro, focando nas relações de trabalho. As pesquisas estão direcionadas a entender a experiência do sujeito que trabalha. Contudo, é preciso atentar para outra esfera de consequência, que repercute além do campo do trabalho em si. Destaca-se aqui uma categoria de excluídos desse



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

processo que pouco aparece nas discussões. São aqueles que foram descartados do processo produtivo antes mesmo de serem substituídos pelas máquinas.

Os descartados da cana, mesmo fora do espaço-tempo de trabalho *stricto sensu*, vivenciam em seus cotidianos as consequências do trabalho superexplorado (REIS, 2018)³. Estabelecido o trabalho como criador de sociabilidade (MARX, 2010), entende-se o adoecimento decorrente do trabalho no corte de cana como fator de rearranjo na sociabilidade dos trabalhadores. A sociabilidade do trabalho superexplorado no corte de cana produz outra sociabilidade, a do pós/trabalho⁴, que decorre da primeira. A relação dialética entre trabalho e pós/trabalho indica que o alcance da exploração vai mais longe do que os limites do espaço-tempo de trabalho em si.

O esforço de elaboração da noção de pós/trabalho pretende demonstrar aspectos da vida de trabalhadores descartados, aspectos intrinsecamente relacionados com o espaço-tempo de trabalho. Frente à morte social que lhes é imposta, os trabalhadores encontram suas estratégias de resistência. Os elementos do pós/trabalho serão apresentados brevemente neste artigo, com a intenção de expor a situação a qual os trabalhadores resistem. Compreendido o pós/trabalho eivado pelo sofrimento moral e físico, apresentar-se-á o *ethos barroco*, elaborado por Echeverría (2011), como forma de resistência dos trabalhadores canavieiros descartados, contando com a experiência da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

A sociabilidade depois do descarte: o pós/trabalho

³ Marini (1973) define o conceito de superexploração do trabalho a partir da conjugação de três mecanismos chave: o prolongamento da jornada de trabalho, o aumento da intensidade do trabalho e a redução do consumo dos operários para além de seu limite normal. Nesse sentido, trata-se de um modo de produção baseado na exploração da força física dos trabalhadores.

⁴ Usa-se *pós/trabalho*, e não *pós-trabalho* (com uma barra oblíqua e não hífen), como meio de instituir diferenciação do uso corrente do prefixo pós. O uso do hífen tem caráter aditivo, adiciona-se o prefixo de tempo “pós”, entendido como momento posterior, seguinte a algo. A barra oblíqua traz a função disjuntiva. No *pós/trabalho*, não se trata somente de um prefixo de tempo, ou de superação posterior de algo anterior (*pós-estruturalismo*, *pós-verdade*, *pós-marxismo*). Usa-se a barra como meio de inferir que o tempo e o trabalho se relacionam, mas não aditivamente. “O *pós/trabalho* não é apenas o período posterior ao trabalho, apesar de também sê-lo; é uma sociabilidade que está estritamente vinculada ao trabalho. Conjunto de relações que é, cronologicamente, posterior ao período de trabalho, mas socialmente, são espaços-tempos e relações inteiramente entrelaçadas”. (REIS, 2018, p. 16).



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

O trabalho não deve ser entendido apenas como gasto de energias físicas e psíquicas, mas como criador de sociabilidade (MARX, 2010). Sua expressão capitalista - a venda da força de trabalho -, estabelece relações estranhadas, ainda mais numa situação de superexploração. Defendemos que o fim das relações de venda da força de trabalho por adoecimento não retira os sujeitos de relações coisificadas. Ao contrário, os cortadores de cana adoecidos entendem-se como mercadoria descartada, o estranhamento não cessa, mas se aprofunda (REIS, 2017).

Os descartados e adoecidos carregam consigo uma espécie de vergonha pelo adoecimento. Podemos entender esse processo a partir da elaboração de Dejours (1987) sobre a ideologia da vergonha. Há um consenso social que condena a doença e o doente; o corpo aceito nas classes empobrecidas é o corpo que trabalha, corpo produtivo. Desse modo, estar fora da esfera produtiva é motivo de vergonha. Não se trata de evitar a doença, mas sim de domesticá-la, conviver com ela para se manter enquanto força de trabalho (DEJOURS, 1987). O corpo é expressão dos processos sociais nos quais o sujeito está engajado, sendo reflexo da sociedade (FERREIRA, 1994). Para os cortadores de cana, a degradação do corpo faz parte do cotidiano de trabalho.

Entendemos que o corpo, em classes submetidas a um trabalho superexploratório, é apenas força de trabalho, na medida em que seu uso é destinado quase exclusivamente à produção de mais valor. Os sujeitos são vistos como máquinas, corpo-máquina (SILVA; VERÇOZA; REIS, 2019); quando deixam de ser úteis, são descartados. O adoecimento retira o cortador de cana dessa relação, mas ele permanece emaranhado em relações estranhadas com outros e consigo mesmo.

A maioria dos cortadores de cana é migrante, assim, ao adoecer, muitos retornam definitivamente à região de origem. No caso dos homens, sua volta definitiva e a perda da capacidade laboral impõe às mulheres (mães, esposas, filhas) a demanda do cuidado. O cuidar é essencializado na figura feminina, e o adoecimento do homem reforça esse papel. Mulheres que na ausência dos homens já eram responsáveis pelo cuidado com a casa, a roça, os filhos, depois da volta do companheiro ou filho adoecido, vão cuidar



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

também desse homem⁵. Como relatou uma entrevistada: “Eu faço tudo sozinha. Quando assim... quando ele não estava doente, era nós dois que fazia. Nós dois que construímos essa casa, nós dois. Só que depois...”.

Antes o homem trabalhava na roça, adoecido, não trabalha mais. Se o homem contraiu alguma DST, a esposa será contaminada. Há os casos de dependência química, em que mães e esposas têm de lidar com as consequências da adicção, vivenciando, em alguns casos, violência doméstica. A mulher realiza um trabalho emocional para exercer o cuidado. O cotidiano vivenciado é de sofrimento, como relatou o casal de ex-cortadores de cana:

Marido: [...] esses dias eu fiquei quase trinta dias sem poder andar direito.

Esposa: Mas ele ficou sem poder pegar um balde d'água. E na hora que ela [a dor] começa mesmo, não tem jeito... ela não para de doer.

Marido: Trava e eu nem consigo levantar.

Esposa: E ele fica inquieto... no chão não tá bom, na cama não tá bom. Ele fala que dói mesmo, que às vezes até manca.

Marido: Quantas vezes eu fiquei a noite toda sem dormir. Deitava e não conseguia, não tinha jeito. Levantava também... aí eu ia aí pra fora, ficava aí e o povo dormindo...

São também as mulheres que acompanham os maridos nas consultas médicas e na busca pelo acesso à direitos previdenciários. Os cortadores de cana adoecidos buscam na Previdência Social ou na Assistência Social meios para garantir a reprodução doméstica, uma vez que perderam a capacidade laboral. A busca por auxílio-doença ou aposentadoria é exaustiva, exige gastos financeiros e deslocamentos dificultosos para os cortadores de cana adoecidos.

Um médico ortopedista entrevistado apresentou a ideia da via sacra – elaboração católica sobre a trajetória de Jesus ao calvário – para se referir ao percurso percorrido pelos adoecidos da cana em busca de direitos previdenciários. O adoecido deve procurar um profissional que o avalie e ateste suas limitações físicas incapacitantes. No caso de

⁵ Tratamos neste artigo especificamente sobre a condição dos homens descartados da cana, mas ressaltamos a situação em que as mulheres cortadoras de cana adoecidas se encontram. As mulheres historicamente são as responsáveis pelo cuidado, mas quando adoecem, quem cuida delas? Observamos na pesquisa que, recorrendo a automedicação para atenuar as dores, muitas continuam a trabalhar (como empregadas domésticas ou cuidadoras de idosos). São outras mulheres, filhas ou irmãs, que ajudam nos cuidados domésticos.



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

um problema de coluna (lombalgia e hérnia de disco - mais frequentes entre cortadores de cana), deve-se procurar um ortopedista. Dadas as restritas condições econômicas dos cortadores de cana adoecidos, geralmente a consulta com o especialista é via Sistema Único de Saúde (SUS). O médico pode pedir alguns exames, como tomografia ou ressonância magnética. Para poder acessar esses exames via SUS, o paciente deve entrar em uma longa fila de espera. Ao pegar o resultado do exame, deve voltar ao médico – esperando a disponibilidade de data para a consulta. Ocorre de os trabalhadores se esforçarem para pagar uma consulta particular, com o intuito de agilizar esse processo. A partir do resultado do exame, o médico elabora um laudo a ser entregue na perícia do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Este processo pode ser bastante demorado, conforme admite o próprio médico perito do INSS e do SUS, Osvaldo: “[...] é um pouco demorado. Até a pessoa conseguir vaga para passar, para fazer uma tomografia, conseguir vaga para passar no ortopedista pelo SUS, a pessoa com uma renda financeira inferior...”.

Além de laudos médicos e exames, é preciso apresentar uma série de documentos, como a carteira de trabalho, carnês de contribuição ou outros que comprovem a contribuição com o INSS. Alguns trabalhadores não têm em mãos a carteira de trabalho, desse modo, não podem comprovar a qualidade de segurado do INSS⁶. Mesmo para os que apresentam a comprovação de contribuição com o órgão previdenciário, precisam estar dentro do tempo de seguridade. O INSS garante aos trabalhadores o período de seguridade por doze meses após a demissão, depois desse período o trabalhador deixa de ser segurado pela previdência social. Por todos esses empecilhos, ou simplesmente por não conseguirem acessar os serviços de saúde dadas as limitações dos próprios municípios em oferecê-los, muitos cortadores de cana adoecidos não conseguem obter o direito previdenciário. Por vezes, desistem até de tentar.

⁶ A qualidade de segurado é a condição daqueles que estão sob proteção previdenciária. Essa condição se mantém por doze meses após a demissão. Ainda, para estar segurado é preciso que se comprove a contribuição com o INSS dentro de um período específico.



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

A negativa aos direitos previdenciários está justificada dentro das regras do INSS. As normas permitem ao Estado atuar de maneira que, no limite, causa a morte (social ou efetiva) dos cidadãos. As regras do INSS deixam de fora da proteção previdenciária e assistencial pessoas que necessitam dessa proteção para viver. Os profissionais da saúde reconhecem a debilidade física do cortador de cana, e sua inviabilidade para o trabalho, mas o INSS não. Em alguns casos, a invalidez para o trabalho é reconhecida também pelos peritos do INSS, mas como os requerentes não se enquadram em outras regras para acessar ao benefício, a solicitação é recusada. Os descartados da cana sobrevivem de outros auxílios assistenciais ou da ajuda de familiares e amigos. Socialmente, encontram-se marginalizados.

Na biopolítica, o Estado é quem faz viver e deixa morrer, ou seja, regulamenta a vida ou, por não fazê-lo, destina à morte. A morte aqui é entendida não como assassinio direto, mas como marginalização, abandono, é a morte social. Há uma lógica de funcionamento do Estado que segmentou a população a ser gerida entre os aptos e não aptos - aptidão para o trabalho. Os que estão fora dessa norma se diferenciam no fazer viver, são mais deixados para morrer. A falta de dados sobre os cortadores de cana adoecidos indica que não há interesse na gestão dessas vidas. Os cortadores de cana que eram feitos viver, isto é, normatizados, regulamentados, disciplinados e controlados para se fazer trabalhar, adoecidos, são deixados morrer. Mas, frente à morte social, resistem. Desenvolvem estratégias de luta – não luta organizada, mas contestação e transgressão dos modos de subjetivação impostos pelo biopoder. Onde há poder, há resistência, e no esforço para pagar consultas particulares, na tentativa insistente de ir ao INSS, médicos, serviços de assistência, os sujeitos resistem.

O *ethos barroco* como forma de resistência

O esforço de mostrar a sociabilidade do trabalho além do espaço-tempo *stricto sensu* do trabalho teve o intuito de escovar a contrapelo a história dos cortadores de cana - adoecidos e descartados por relações capitalistas de trabalho. Expusemos apenas brevemente alguns aspectos do pós/trabalho, com o intuito de revelar que as marcas da



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

superexploração do trabalho permanecem nos cortadores de cana, em suas relações e cotidiano.

A região do Vale do Jequitinhonha, *lócus* da pesquisa em questão, é conhecida pela forte presença do artesanato e de festas tradicionais religiosas e quilombolas, que envolvem grande número de pessoas. Entendemos que a manutenção no decorrer do tempo das práticas artesanais e das festas tradicionais traz elementos para a compreensão do *pós/trabalho*. Pode-se entender a manutenção de tradições culturais, tal qual a confecção o artesanato ou a realização de festas religiosas, como uma forma de resistência que posiciona o sujeito não só como força de trabalho, mas como portador de cultura (WILLIAMS, 2000; ECHEVERRIA, 2011).

Benjamin (1987) fez a crítica à produção cultural (bens culturais) como testemunhos da barbárie, mas, por outro lado, apontou a cultura como traço de resistência à dominação. No caso dos cortadores de cana, a cultura (festas, artesanato, poesia, o próprio imaginário) aparece como resistência – resistência ao estranhamento produzido pelo trabalho capitalista, mas, acima de tudo, resistência ao sofrimento, resistência a um projeto de dominação e enquadramento. Compreendemos que o uso social do corpo pode sim se destinar a outro tipo de atividade que não apenas a produtiva, particularmente quando o cotidiano penoso do trabalho está em suspenso. Tratemos sobre esse tema, a partir da reflexão de Echeverría (2011).

O ethos barroco e a suspensão do tempo rotineiro como resistência

Retomamos, brevemente, a explicação de Bolívar Echeverría (2011) sobre cultura. O autor elabora sua crítica à modernidade capitalista definindo quatro diferentes formas (espontâneas) de os seres humanos viverem suas experiências cotidianas, formas essas às quais chamou de *ethos*. A identidade moderna se constitui no processo de invenção de um *ethos*, de um modo de vida estratégico para lidar com as contradições da modernidade capitalista. Haveria, então, o *ethos* realista, o *ethos* romântico, o *ethos* clássico e o *ethos* barroco, que não são vividos de modo estanque, mas imbricados. Para



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

evitar uma digressão, apresentaremos os aspectos do *ethos barroco*, uma vez que é essa conceituação que nos interessa para entender o papel da cultura no pós/trabalho⁷.

Em contraposição ao *ethos* realista, que significa a afirmação do modo de vida calcado na valorização capitalista, o *ethos* barroco pode ser entendido como uma “rebelião dentro da subordinação ao capital”. É uma fuga dentro do mundo de destruição do valor de uso, uma forma de sobrevivência, de suportar a destruição que a modernidade capitalista implica. O *ethos barroco* está em oposição ao *ethos realista* e à construção civilizatória imposta pela modernidade capitalista. Echeverría (2011) defende que, nas Américas, o *ethos barroco* está diretamente ligado à colonização - à destruição do mundo indígena para a imposição do mundo europeu, ao genocídio, à expulsão, à submissão. Esse vínculo se dá na medida em que os indígenas sobreviventes tiveram que desenvolver a própria sobrevivência.

Este es el comportamiento típicamente barroco: ‘inventarse una vida dentro de la muerte’. Los indios están condenados a morir, y han venido muriendo ya durante todo el siglo XVI. Y sin embargo, dentro de ese proceso del morir, se inventan una manera de vivir. Esto es lo característico del *ethos* o la estrategia barroca: insistir, mediante una mimesis trascendente en la vigencia del valor de uso del mundo, un valor de uso que está siendo devorado por el valor mercantil (ECHEVERRÍA, 2011, p. 256).

É na estratégia de sobrevivência frente a destruição capitalista que se forja o *ethos barroco*. Não deve ser confundido com uma ação orientada à revolução ou transformação, pois trata-se de um modo de resistência, um meio de viver dentro do sistema capitalista. O *ethos barroco* é, justamente, a tentativa de reconstrução daquilo que foi destruído pela modernidade capitalista, uma revalorização do valor de uso.

A vivência real do mundo moderno capitalista, em que os valores de uso são sacrificados, é convertida em um outro modo de vida, orientado pelo imaginário. A teatralização da vida é o que pode inverter o sentido da devastação capitalista e resgatar o núcleo qualitativo da vida.

⁷ Superficialmente, explicamos: o *ethos* realista representa a afirmação da lógica moderna capitalista, é a sujeição da vida à sociedade moderna capitalista (valorização da mercadoria, relações coisificadas, etc). O *ethos* romântico ainda afirma e naturaliza o capitalismo, mas o faz às avessas, transformando-o em um mundo do “inferno”. No *ethos* clássico haveria uma compreensão metafísica da combinação do natural e do capitalista, como que uma necessidade constante de transcendência humana.



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

El hombre puede soportar las condiciones reales, insoportables de la vida en la modernidad capitalista, solamente si al mismo tiempo se re-crea para sí mismo su experiencia de una manera diferente, una manera imaginaria y 'transreal' (ECHEVERRÍA, 2011, p. 186).

Neste sentido, o autor aponta a importância da cultura como cultivo da identidade e meio de dar forma a uma sociabilidade diferente da proposta na modernidade capitalista.

Em acordo com Benjamin (1987), Echeverría (2011) entende que a cultura na modernidade capitalista é reprimida. Se, para Benjamin (1987), há uma produção cultural que é “monumento à barbárie”, a cultura também pode ser expressão de resistência. De modo similar, Echeverría (2011) assume que a cultura na sociedade capitalista é constantemente hostilizada, mas também é forma de refundar a concretude da vida social dos sujeitos, é potencial de politicidade. A identidade é cultivada em todos os códigos linguísticos e de comportamento dos seres humanos, em toda produção e em todo consumo, em cada ato da vida cotidiana, está a reprodução, o cultivo, da identidade. A identidade barroca, do *ethos barroco*, expressa em seus códigos, a resistência. Nessa via, a arte, a festa e o jogo são aspectos especiais do cultivo da identidade, expressões da reprodução do mundo da vida. No *ethos barroco*, resiste-se à alienação e ao estranhamento por meio da cultura, por meio do imaginário no tempo extraordinário.

A cotidianidade humana, constituidora de identidade, é o entrecruzamento entre tempo da rotina e o tempo do extraordinário. Por meio da tensão entre essas duas temporalidades, o ser humano entende sua própria existência. A tensão:

[...] entre el tiempo de una existencia conservadora, que enfrenta las alteraciones introducidas por el flujo temporal mediante una acción que restaura y repite las formas que han venido haciéndola posible, y el tiempo de una existencia innovadora, que enfrenta esas alteraciones mediante la invención de nuevas formas para sí misma, que vienen a sustituir a las tradicionales (ECHEVERRÍA, 2011, p. 421).

O tempo do extraordinário pode ser entendido como ruptura, pois a vida cotidiana organizada pela rotina (do modo de viver, se comportar, códigos cumpridos como por automático) está em suspenso. Pode ser o momento da catástrofe ou da plenitude, da destruição da identidade da comunidade ou de sua “realização



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

paradisiaca”, da efetivação de seus ideais e metas. É um ser ou não ser da comunidade, pois a cotidianidade e a própria identidade estão em questionamento. No tempo extraordinário, a identidade cultural, isto é, os códigos humanos de sociabilidade, se funda e re-funda. E, uma vez que a cotidianidade humana só é possível pela existência dessa dualidade do tempo cotidiano e do tempo extraordinário, pode-se entender que a vida humana se constitui não na aplicação cega dos códigos (tempo rotineiro), mas no movimento de questionamento desses mesmos códigos (tempo extraordinário/tempo de ruptura). Mas, afinal, como se constitui o tempo extraordinário? Echeverría (2011) responde explicando que a ruptura pode se dar no plano do imaginário, dentro do tempo da rotina.

O tempo rotineiro deixa espaço para que haja a ruptura dentro de si próprio, dentro da imaginação da existência rotineira. Aí está o *ethos* barroco e suas imbricações com outras estratégias de sobrevivência à modernidade capitalista. No próprio modo de vida automático da rotina, é possível haver resistência. A ruptura tem lugar nas distintas formas de suspensão do cotidiano, que são o jogo, a festa e a arte. Apesar de elementos diferentes, tem em comum o que perseguem: “[...] una sola experiencia cíclica, la de la anulación y el restablecimiento del sentido del mundo de la vida, la de la destrucción y re-construcción de la ‘naturalidad’ de lo humano, de la necesidad de su presencia contingente” (ECHEVERRÍA, 2011, p. 423); são formas de resistência.

Dentro do tempo rotineiro, em que há a aceitação e reprodução cega dos códigos de comportamento do *ethos* realista, naturalização do capitalismo e da destruição do valor de uso, alienação e estranhamento, há o espaço da resistência. Retomamos a compreensão de que, para suportar as condições da modernidade capitalista, o sujeito precisa criar e recriar sua experiência de maneira “transreal”. Desse modo, o jogo, a arte e a festa são manifestações do imaginário do *ethos* barroco que permitem a sobrevivência ao capitalismo, expressões da suspensão do rotineiro. O jogo, por sua inversão dos papéis do azar e da necessidade; a arte por ser a experiência estética que traz ao palco a materialização da dimensão imaginária dentro da rotina, é a conversão da vida cotidiana em drama de palco; a festa, por ser a substituição do real pelo imaginário.



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

Interessa-nos a festa como modos de resistência do *ethos* barroco, pois no Vale do Jequitinhonha, marcado pela expropriação, exploração, espoliação, as festas religiosas e a produção artística têm destaque. Defendemos essas manifestações culturais como estratégias de sobrevivência, linhas de escape daquilo que é apresentado aos sujeitos como mundo rotineiro baseado no estranhamento e na coisificação. A Festa de Nossa Senhora do Rosário, por exemplo, tem tamanha importância que diversos cortadores de cana faziam questão de participar, mesmo perdendo vários dias de trabalho e dispendendo significativa quantia de dinheiro com a viagem. No *pós/trabalho*, os ex-cortadores de cana e suas famílias também participam. Aqueles mesmos que enfrentam o abandono das instituições do Estado, os mesmos que têm as relações familiares reorganizadas, são os mesmos que tocam os tambores do Rosário e que vão ao rio buscar a santa. Falemos, então, sobre a Festa do Rosário.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário

A devoção a Nossa Senhora do Rosário remonta o período colonial brasileiro, principalmente entre os negros. Deve-se isso à introdução inicial ao catolicismo pelos portugueses já nas expedições na África; “[...] muitas das identificações feitas posteriormente, no Brasil, entre santos da Igreja Católica e divindades das religiões africanas, foram percebidas e gestadas ainda em continente africano” (BOTELHO, 1999, p.210). A manutenção da fé católica entre os leigos se dava pela organização de irmandades, que, no Brasil, eram divididas por fatores como raça e grupo social. Em Minas Gerais, surgem nos primeiros anos do século XVIII diversas irmandades dedicadas a Nossa Senhora do Rosário, mas apenas duas – em Mariana e Vila Rica – eram organizadas por negros, sendo a segunda documentada em terras mineiras.

Destacamos que as irmandades tinham importante função social, desempenhando o papel assistencial aos doentes e idosos. Na época da escravidão, atuavam também para a alforria. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (ou Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Pretos), por meio dessa ação, reunia mais membros para comporem a organização. Organizavam também festas



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

religiosas e procissões. Amaral (1998) afirma que as festas religiosas desde o período colonial atuavam na constituição da sociabilidade, não só por integrar portugueses, indígenas e negros, mas por estabelecer uma mediação entre esses grupos, constituindo uma espécie de pacto cultural.

As festas e a religiosidade não se separam, naquele período eram faces da tentativa de afirmação dos valores dos grupos - negociadas de forma assimétrica, sempre havendo a prevalência das tradições portuguesas e da elite. Eram nos momentos das festas que podia haver lazer e descanso fora da rotina de trabalho, “momento de relativização da ordem estabelecida” (AMARAL, 1998, p. 6). Nas festas, via-se a distinção entre as irmandades, uma vez que a elite mineira branca investia em toda a pompa e luxo para a execução de suas atividades. Irmandades menos abastadas, como a de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, faziam festas que chamavam a atenção não tanto pelo luxo, mas pela teatralidade, ritmos e danças.

Os negros tinham, nessas irmandades, a oportunidade de manifestarem suas práticas culturais e ritos de origem nos espaços públicos. Adaptadas à cultura católica, mas com a permanência do batuque e da dança, os negros escravizados e libertos podiam, por meio do sincretismo, efetuar seus rituais (BOTELHO, 1999). Até os tempos atuais, a festa de Nossa Senhora do Rosário faz parte das práticas culturais em diversos municípios do Vale do Jequitinhonha, como em Minas Novas, Chapada do Norte, Berilo, Araçuaí, entre outros.

A festa de Nossa Senhora do Rosário parece, como disse um depoente irmão do Rosário, mais uma festa africana do que católica. O que podemos observar é um entrecruzamento histórico das práticas católicas e dos povos negros. A presença do tambor em grupos organizados de tamborzeiros e congadeiras que cantam e dançam durante a festa trazem a característica das práticas culturais não católicas, contudo, tudo se passa no decorrer de nove dias da novena dedicada à santa. Cada município tem sua Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que elege um rei e uma rainha do Rosário que serão responsáveis por organizar a festa no ano de seu reinado. Além das pequenas diferenças na execução da festa, ocasionadas por diferentes



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

organizadores, há ainda que se levar em conta a relação da Irmandade com o pároco local, que pode não aceitar algumas das práticas.

No Brasil, o mito conta que Nossa Senhora do Rosário foi encontrada em um rio. Levada pelos brancos à capela, apareceu novamente no rio no dia seguinte. Mais uma vez os brancos foram buscá-la, e mais uma vez ela reapareceu no rio no dia posterior. Quando, finalmente, os negros foram buscar a santa, ela nunca mais voltou ao rio. Desse modo, entendeu-se que a santa preferia ser carregada pelas mãos dos negros. Dentre as atividades dos nove dias da Festa do Rosário, um grande evento que mobiliza um contingente de pessoas é a busca da santa no rio. Vamos apresentar rapidamente as principais características da festa de Nossa Senhora do Rosário.

A festa é organizada pelo rei e pela rainha do Rosário eleitos pela Irmandade no ano anterior. “A composição da corte [...] é baseada nos moldes da monarquia portuguesa, com reis e rainhas [...] Utilizam, também, membros dos diversos postos do exército, como guardas e coronéis” (BOTELHO, 1999, p. 222). Tanto o rei e a rainha responsáveis pela festa (chamados de reis velhos) quanto o rei e a rainha que já eleitos serão responsáveis pela festa do ano seguinte (chamados de reis novos) se vestem a caráter em vários momentos da festa. Muito da vestimenta especial é encomendada na capital mineira, em Belo Horizonte, ou em outras cidades polo do Estado.

A programação difere em alguns municípios. Em Minas Novas (onde a festa ocorre em junho), as festividades começam com a lavação da igreja do Rosário e a distribuição do angu⁸. Em Chapada do Norte (onde a festa ocorre em outubro), ocorrem as novenas e missas nos primeiros dias do evento, e apenas no quinto dia ocorre a lavação do chão e objetos da igreja, depois é feita a distribuição do angu. Geralmente um grupo de pessoas, majoritariamente de mulheres, caminha às quatro horas da manhã até

⁸ Angu é um prato típico da culinária brasileira, preparado com fubá, água e sal. No período escravagista, era o alimento dos escravizados. Em diversos momentos da Festa do Rosário são distribuídos gratuitamente alimentos, mas o angu é o mais tradicional. Em Minas Novas percebemos que algumas pessoas advindas de áreas rurais iam à festa em dias específicos para acessar alguns alimentos.



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

o rio carregando baldes e potes de barro para juntar água para lavar a igreja. Essa atividade não ocorre da mesma forma em Berilo, pois lá a Igreja do Rosário foi demolida. No município, um adro foi construído no local da antiga igreja, lá são realizadas as atividades religiosas da festa. Apesar disso, é distribuído angu durante um dos dias da festa – em 2017, o angu foi oferecido em pratos de plástico no centro cultural da paróquia. O rei e a rainha que vão decidir se a distribuição feita será realmente de angu ou outro tipo de refeição. No ano de 2015, em Minas Novas, foram distribuídas pequenas marmitas com feijão tropeiro, arroz e farofa.

Outro ponto importante da festa é a busca da santa no rio. Uma procissão formada por grupos de tamborzeiros e congadeiras e mais uma pequena multidão de pessoas se dirige ao rio para buscar a santa, onde fora deixada no dia anterior. Na procissão que carrega a santa de volta à igreja, a imagem passa de mão em mão, sempre acompanhada por um responsável da guarda. Em Minas Novas, na festa de 2015, as pessoas formavam desde o rio uma fila para passar a mão na santa, com a intenção de receber uma graça ou benção.

Figura 01: Tamborzeiros chegam ao rio para buscar a imagem de Nossa Senhora do Rosário. População se aglomera ao redor do rio.



Fonte: Tainá Reis. Minas Novas. Junho/2015.



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

Durante alguns dias da festa, são realizados à noite leilões de itens, como animais (porcos, bezerros, galinhas), alimentos (biscoitos, doces, frango assado) e bebidas (principalmente uísque). No caso dos animais maiores, o leilão é cantado no microfone, às vezes em um palco. Para leiloar itens menores, membros da Irmandade do Rosário caminham com o objeto a ser leiloado nas mãos, gritando lances no meio das pessoas que estão nas atividades da festa na praça da igreja matriz. Em Chapada do Norte, os leilões ocorriam dentro da casa do rei e depois da rainha. Além disso, ainda há nos últimos dias da festa a realização de shows, com artistas da região (chamados de prata da casa) ou de outros locais. Os shows não são organizados nem pelo rei ou pela rainha do Rosário, mas pela prefeitura municipal. Em 2017, no município de Chapada do Norte, antes dos shows houve a apresentação de grupos de música, tamborzeiros e congadeiras advindos de área rural, em maioria quilombolas.

Todas as atividades externas à igreja são acompanhadas pelo grupo de tamborzeiros e pelas congadeiras, seja a caminhada até a casa dos reis, a busca da santa, a entrega do cofre da Irmandade para recolhimento das contribuições anuais dos irmãos. Nesses momentos, diversas pessoas acompanham o grupo de tamborzeiros e congadeiras, cantando e dançando. Em dias específicos, o rei e a rainha acompanham a caminhada à caráter. Ocorre ainda uma atividade em que um mastro com uma bandeira com a imagem de Nossa Senhora do Rosário é erguido em frente à Igreja do Rosário. Em Chapada do Norte ocorre uma atividade diferencial na festa, que é a encenação do conflito entre mouros e cristãos.

Destacamos uma prática que ocorreu durante diversos momentos, em todas as festas que foram acompanhadas (Minas Novas, Chapada do Norte, Berilo e Araçuaí). Tamborzeiros ou congadeiras, ocasionalmente, mantêm nas cabeças garrafas cheias de cachaça. Algumas músicas cantadas versavam sobre isso, como:

Olha a dança da garrafa na cabeça
Olha a dança da garrafa na cabeça
A garrafa cai
Cai não



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

Botelho (1999) em sua pesquisa sobre as práticas culturais do Vale do Jequitinhonha afirma que a cachaça presente na garrafa é inadequada para consumo, sendo usada para lavar as mãos e molhar os couros dos tambores. Ainda, atenta para o movimento que é feito com as mãos molhadas, com movimentos de limpeza do corpo, ação que remete a gestos típicos do candomblé.

Figura 02: Congadeira segue procissão com garrafa de cachaça na cabeça



Fonte: Tainá Reis. Chapada do Norte. Outubro/2017.

Entre o cortejo ao rei e à rainha, com ponteio, guarda real, tamborzeiros e congadeiras, a festa de Nossa Senhora do Rosário é uma verdadeira cerimônia, cheia de rituais (coroação dos novos reis, cortejo aos reis velhos, desfiles, encenações). Amaral (1998, p. 7) apresenta que as festas tem o duplo “[...] papel de negar e reiterar o modo como a sociedade se organiza”.

Além disso, uma prática comum durante a festa é que pessoas ou comerciantes façam doações de mantimentos para o rei e a rainha do Rosário, pois em diversos momentos da festa são eles que distribuem gratuitamente diversos alimentos, como



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

doces, biscoitos, o angu e até refeições. São geralmente as mulheres que ficam incumbidas dessa parte da festa.

Figura 03: Familiares e amigas do rei do Rosário trabalham na organização para a distribuição dos doces durante a festa



Fonte: Tainá Reis. Minas Novas/ 2015.

Durante os dias de festa, são distribuídos doces, salgados, cachaça, refrigerante e o que mais os reis do Rosário quiserem distribuir. Apesar das diferenças de cada localidade na execução da festa, há uma mobilização para que a prática permaneça. Mesmo os irmãos do Rosário que estão fora do município dão um jeito de contribuir de alguma maneira. Em muitos momentos são mencionados os irmãos ausentes, aqueles que estão fora da cidade em que ocorre a festa, mas que são sempre lembrados. Um cantor da região, Verono, em uma música canta: “A saudade me maltrata e me faz olhar no calendário. Pra ver se faltam poucos dias pra ouvir o tambor do Rosário”. Para participar da festividade, muitos cortadores de cana deixam o eito por alguns dias, para voltar à região de origem no período. Muitos são irmãos do Rosário, tamborzeiros, ou simplesmente acompanham o festejo. A festa do Rosário é, precisamente, o que Echeverría (2011) define como resistência do *ethos barroco*.



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

Considerações finais

No tempo rotineiro de trabalho, os sujeitos são entendidos como corpo-máquina, vivenciam o estranhamento. Por ser força de trabalho superexplorada, perdem a própria capacidade laboral. Se antes a rotina era a exploração, no pós/trabalho a rotina é a marginalização e estigmatização. São deixados a morrer pelo Estado, são vistos como coitados pelos familiares, têm sua identidade calcada na virilidade fraturada. Pelo o que vimos até aqui, o tempo rotineiro do ex-cortador de cana no pós/trabalho é eivado com sofrimento – físico e moral. Mas, frente à morte social, os trabalhadores descartados e suas famílias traçam linhas de fuga, estratégias de sobrevivência, que podem se expressar numa caminhada até o rio para buscar Nossa Senhora do Rosário.

Foram frequentes os relatos de cortadores de cana que durante a safra perdiam alguns dias de trabalho para participar, na região de origem, de festas tradicionais. Mesmo que a ausência dos canaviais representasse perda no pagamento ao final do mês, ou ainda uma despesa financeira significativa, ainda assim, vários trabalhadores faziam questão de voltar para as festas – a Festa de Nossa Senhora do Rosário foi o principal evento relatado. Ir à festa do Rosário, para os “ausentes”, não representa apenas a participação em uma atividade festiva religiosa. A presença dos cortadores de cana na festa de Nossa Senhora do Rosário é uma resistência, pois é quando o tempo rotineiro da exploração está suspenso.

No *pós/trabalho* suspende-se a rotina de negativas do INSS, olhares de dó e piedade, vergonha, depressão. Para Echeverría (2011), a experiência festiva (e sagrada) traz a subjetividade de volta ao sujeito. A participação na Festa do Rosário é, então, uma resistência ao estranhamento, e ao estranhamento aprofundado. A festa substitui o dramático real pelo imaginário, é, como já dito, um meio de “inventarse una vida dentro de la muerte” (ECHEVERRÍA, 2011, p.256).

Referências

ALVES, Francisco. Por que morrem os cortadores de cana? *Saúde e Sociedade*, v. 15, n. 3, p. 90-98, 2006.



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), São Paulo: Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ANTUNES, Ricardo. A corrosão do trabalho e a precarização estrutural. In: Lourenço, E. A. S.; Navarro, V. L. **O avesso do trabalho III**. Saúde do trabalhador e questões contemporâneas. São Paulo: Outras Expressões, 2013. p. 21-28.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre a literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. v. 01. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BITENCOURT, Daniel Pires; RUAS, Alvaro César; MAIA, Paulo Alves. Análise da contribuição das no estresse térmico associado à morte de cortadores de cana. **Caderno Saúde Pública**, v. 28, n. 1, p. 65-74, 2012.

BOTELHO, Maria Isabel V. **O eterno reencontro entre o passado e o presente: um estudo sobre as práticas culturais no Vale do Jequitinhonha**. Tese (Doutorado em Sociologia), São Paulo: Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1987.

ECHEVERRÍA, Bolívar. El ethos barroco. In: ECHEVERRÍA, Bolívar. **La modernidade de lo barroco**. Ciudad de México: Ediciones Era, 2011, p. 32-56.

FERREIRA, Jaqueline. O corpo sógnico. In: Alves, P. C.; Minayo, M. C. S. (Org.) **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: Foucault, M. **Ditos & Ensaio V – Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LAAT, Erivelton Fontana. **Trabalho e risco no corte manual de cana-de-açúcar**: A maratona perigosa nos canaviais. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), Santa Bárbara D'oeste: Universidade Metodista de Piracicaba, 2010.

LAURELL, Asa Cristina; NORIEGA, Mariano. **Processo de Produção e Saúde**: trabalho e desgaste operário. Trad. Amélia Cohn et. al. São Paulo: Editora HUCITEC, 1989.

LOURENÇO, Edvânia. A. S. Alienação e agravos à saúde dos trabalhadores no setor sucroenergético. In: Lourenço, E. A. S. & Navarro, V. L. **O avesso do trabalho III**. Saúde



Depois do descarte: resistência e o *ethos barroco*

Tainá Reis

do trabalhador e questões contemporâneas. São Paulo: Outras Expressões, 2013. p. 165-198.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos Filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da dependência. In: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro (Orgs.). **Ruy Mauro Marini**. Vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2011 [1973].

PRADO, Gustavo. F. **Impactos cardiopulmonares e inflamatórios da exposição à poluição da queima de biomassa em cortadores de cana queimada e em voluntários saudáveis do município de Mendonça**. Tese (Doutorado em Ciências – Pneumologia), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

REIS, Tainá. Para além do espaço/tempo de trabalho: estranhamento e adoecimento no corte de cana. **Argumentos**, v. 14, p. 50-70, 2017.

REIS, Tainá. **Ceifando a cana**. Tecendo a vida. Um estudo sobre o pós/trabalho nos canaviais. Tese (Doutorado em Sociologia), São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2018.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; VERÇOZA, Lúcio Vasoncellos; REIS, Tainá. Cercamentos: Imagens dos camponeses na contemporaneidade do Brasil. **EUTOPIÁ**, n. 16, p. 31-50, 2019.

VERÇOZA, Lúcio Vasoncellos. **Os homens-cangurus dos canaviais alagoanos**: um estudo sobre trabalho e saúde. Maceió: Edufal; São Paulo: Fapesp, 2018.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y literatura**. Barcelona: Ediciones Península, 2000.